



COMUNICAÇÃO E MOVIMENTOS SOCIAIS NO MÉXICO: O CASO DA RÁDIO PLANTÓN

Anna Flávia Feldmann¹
Waldo Lao Fuentes Sánchez²



Figura 1: Arte nos muros de Oaxaca representa as mobilizações vividas

Nos últimos anos a América Latina contou com a iniciativa de diversas mobilizações sociais, marcadas por manifestações populares de enfrentamento aos grandes núcleos empresariais, autoridades civis e dentro deste rol contempla-se os meios de comunicação. Movimentos antisistemicos caracterizados por suas heterogeneidades, cujas premissas incorporam um leque de novas demandas, com a

¹ Mestre em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – ECA-USP e especialista em Jornalismo Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP

² Formado em Antropologia pela Escuela Nacional de Antropología e Historia do México – ENAH e professor do cursinho popular dos estudantes da USP - Acepusp

participação cada vez mais significativa de camponeses, trabalhadores, mulheres, afrodescendentes e povos indígenas.

As lutas sociais adotam a cada dia novos campos de ação, criam distintos espaços e apontam para outras geografias virtuais. A partir do uso dos meios de comunicação alternativos tais grupos divulgam suas idéias para poder expandir seus objetivos rumo a outros públicos e setores, visando integrar, promover e atingir reconhecimento e legitimidade pública.

Uma das características que representam estes movimentos sociais é o uso de novas tecnologias de comunicação, advindo da necessidade de criar outros veículos informativos como formas de ação, na construção e no “emprego da arquitetura de redes informáticas”³ por meio do uso da comunicação alternativa.

Especificamente na história contemporânea do México destacam-se três grandes movimentos sociais, com articulações específicas de “resistência comunicativa” criadas e desenvolvidas no âmbito das devidas mobilizações locais e sociais.

Primeiro, o Exército Zapatista de Libertação Nacional, surgido em 1994, com seu grito de “Ya basta”, mobilizando sete cidades do estado de Chiapas e exigindo autonomia e direitos constitucionais para todos os povos locais. Atualmente, com campanhas de atuação divulgadas em larga escala, apoio internacional e recorrentes marchas nacionais o lema do movimento define-se em “um mundo onde caibam muitos mundos.”

O EZLN foi denominado por Manuel Castells como o primeiro movimento de guerrilha informacional⁴ ao utilizar a internet para divulgar suas ações e comunicados. Para os zapatistas, dentro de seus territórios existem diferentes vias de democracia e abordagens políticas, educacionais, entre outras.

O segundo movimento social constitui-se na Frente dos Povos em Defesa da Terra. A FPDT nasceu em dezembro de 2001 como uma medida organizativa da população da cidade de Atenco com vistas a conservar seus territórios diante da iniciativa proposta pelo ex-presidente Vicente Fox, do Partido Ação Nacional - PAN, de construir um aeroporto na área, o qual seria o maior da América Latina.

3 Castells Manuel, *A era da informação, economia sociedade e cultura*, Vol. II, Siglo XXI, 2004, p.132.

4 Castells Manuel, *O poder da identidade*, Vol. II, Paz e Terra, São Paulo, 1999, p 97.

O projeto contemplava a expropriação de mais de 4.500 hectares de terrenos agrícolas, onde cerca de 500 trabalhadores rurais seriam afetados. A construção do aeroporto era parte do Plano-Puebla-Panamá - PPP, que consistia na criação de um corredor industrial entre os estados do sul do México até a América Central. A idéia iria de acordo com o já implantado Tratado de Livre Comercio, firmado em 1º de janeiro de 1994.

O descontentamento da população com o governo local foi crescendo e, conseqüentemente, as rebeliões tornaram-se mais freqüentes. Contudo, a cidade de Atenco realmente ficou mundialmente conhecida após o dia 3 de maio de 2001, data em que a situação entre os cidadãos e a polícia se agravou pelo uso excessivo da violência. Na ocasião floricultores instalados em frente ao mercado local da cidade foram proibidos de vender seus produtos em via pública e iniciou-se um embate com os órgãos de defesa local. Apoiados por outros setores da população, entre eles a FPDT, os trabalhadores arremeteram a golpes alguns policiais.

Algumas horas depois, os dois grandes meios de comunicação nacional, como a rede Televisa e a TV Azteca repetiram incansavelmente a cena da guarda nacional vitimizada, caracterizando a atitude como vergonhosa e exigindo a intervenção do governo federal. O poder da difusão informacional e o apelo criado para que ocorresse a intercessão do Estado fez com que os grandes meios de comunicação promovessem a uma batalha civil nas ruas da cidade.

Em razão do ocorrido, no dia seguinte algo em maior escala sucedeu, quando a cidade vivenciou os horrores desproporcionais da guerra gerada pelos órgãos de defesa do México. O dia da raiva, no qual somaram-se aproximadamente 3.500 policiais contra apenas 300 manifestantes na cidade de Atenco. Na data as agressões deixaram um saldo de dois mortos: uma criança e um adolescente, dezenas de feridos, além de violações e roubos. Foram mais de 200 detenções arbitrárias. Algumas pessoas encontram-se ainda desaparecidas, crianças e adolescentes não foram poupados e mais de 40 mulheres dizem ter sofrido agressões sexuais pelas forças policiais.

Por último, o terceiro movimento a ser mencionado está localizado no estado de Oaxaca, um pólo turístico com grande diversidade cultural, notório pela variedade de

riquezas naturais e com uma heterogeneidade marcante; das 56 etnias indígenas do México 16 estão na região, totalizando 32% da população local.

A organização da Assembléia Popular dos Povos de Oaxaca – APPO foi iniciada em 2006, reunindo centenas de setores, organizações e comunidades indígenas. O marco determinante da história da APPO foi o dia 14 de junho de 2006, data em que professores oaxaqueños reivindicavam aumentos salariais. A partir deste conflito, a região sofreu significativamente com o acréscimo do número de pessoas mortas, desaparecidas, processadas.

Não é possível descrever a história da APPO e do Estado de Oaxaca sem mencionar a mobilização da Radio Plantón e as conseqüências geradas pelas suas iniciativas. Após vários embates a Rádio Plantón teve seu material de operação destruído. Porém, mesmo após meses de repressão no final do mesmo ano, a rádio reiniciou suas atividades no meio de uma coalizão de rádios livres mexicanas e transmitiu a situação grave entre o governo e o movimento social.

A Rádio Plantón agora se encontra presente aos ouvidos da população local. Seu sinal saiu do ar em junho de 2007. Entretanto, ainda hoje é possível ouvir a voz de seu locutor e coordenador Sanzon Jiménez Domínguez sobre os fatos ocorridos desde seu surgimento e traduzir na entrevista a seguir.



Figura 2: Jiménez Domínguez nas instalações da Rádio Plantón

Dentro do cenário hostil mexicano, com significativos combates e repressões vivenciadas, principalmente no sul do país, quais fatores influenciaram o surgimento da Rádio Plantón?

Sanzon Jiménez Dominguez - A Rádio Plantón nasceu em 25 de maio de 2005 com a finalidade de cobrir a jornada de lutas que aconteceu de maio a junho deste ano. A cada época, o magistério se move por diferentes necessidades que existem no estado de Oaxaca e no país também. Nesta ocasião, a idéia era pedir a reorganização econômica de Oaxaca, já que há uma diferença de pressupostos nas diferentes zonas do Estado.

A rádio surge pela iniciativa de vários companheiros que trabalham no magistério, agrupados na seção 22, que é uma parte do Sindicato Nacional de Professores em Oaxaca, os quais impulsionaram vários projetos de comunicação. Um destes era um jornal, uma revista, a rádio e, inclusive, havíamos pensado em fazer televisão.

O secretário-geral destes companheiros aprovou e a ele pareceu interessante o projeto da rádio. Então, buscamos os canais que são: as assembléias de delegações, as regionais e o órgão máximo da direção, que é a assembléia estatal.

Como podemos avaliar a condição do ensino no estado de Oaxaca? Existe alguma melhoria no processo educacional?

Jiménez Dominguez - As condições para lecionar não são nada favoráveis. Nas escolas, o professor não pode fazer bem seu trabalho, pois não possuímos um bom espaço, material didático e uma equipe adequada. Aqui em Oaxaca, ainda há escolas sem luz, sem infra-estrutura. Faz-se de uma casa uma sala de aula. Não existem condições e isso debilita muito, atrasando o aspecto educativo. Existem crianças que caminham duas ou três horas para poder chegar à escola, chegam sem o café da manhã. Apenas trazem uma tortilha com pimenta seca, e esta é toda a sua comida. Falta a

organização dos pais de família, porém, estes estão pensando mais no que seus filhos irão comer no dia seguinte, não na educação em geral.

O que realmente aconteceu no dia 14 de junho?

Jiménez Dominguez - As instalações da rádio foram atacadas com bombas de gás lacrimogêneo, detiveram nossos equipamentos, o transmissor e os computadores. A rádio saiu do ar nesse mesmo dia. Mas os participantes que estavam colaborando de maneira solidária aprenderam a usar o equipamento, depois ocuparam a Rádio Universidade e proporcionaram a cobertura dos fatos. A respeito da APPO, ela nasce como fruto do movimento magisterial, porém logo saí de suas mãos.

Depois do ocorrido em junho de 2006, qual é a relação da Rádio Plantón com a Associação dos Povos de Oaxaca?

Jiménez Dominguez - A Rádio Plantón recebeu de forma solidária um transmissor de 300 watts de alguns participantes da Rádio Chicago. Neste momento, muitos companheiros se incorporaram e participaram da iniciativa, muitos que, depois, com a formação da APPO, tomaram as 12 rádios – um feito único no mundo e, sobretudo, no México.

Depois da jornada, a surpresa foi que continuamos transmitindo. Operávamos cerca de 45 programas, que aconteciam desde às 6h da manhã até às 22h ou 23 horas. Contudo, isto foi durante os meses de 2005, até meados de 2006.

No momento que fizemos o primeiro aniversário iniciamos o processo de legalização jurídica da rádio, mas o Estado não nos concedeu a permissão e seguimos transmitindo em fase de prova, mas cumprindo com todos os requisitos.

Atualmente, como são definidas as relações entre o movimento magisterial e a APPO?

Jiménez Dominguez - Há companheiros que se mantêm com os princípios da APPO e outros apenas estão buscando protagonismo. Em um movimento social desta magnitude, existem alguns que buscam seus próprios interesses, buscando candidaturas nos partidos políticos, independentemente da repressão. Já o magistério sofre uma censura muito forte. Temos companheiros presos, ordens de apreensão contra os coordenadores da Rádio Plantón.

**O que realmente aconteceu na ocasião da “tomada dos meios de comunicação”?
Como reagiu a sociedade a respeito destas intervenções?**

Jiménez Dominguez - Quando a rádio se inicia, há 2 mil professores, mais a sociedade civil nos escutando. O governo estadual sentiu-se ameaçado e nos bloqueou, retirando o nosso equipamento. Entretanto, a sociedade começou a nos apoiar.

No dia 1º de agosto de 2006, mulheres de diferentes organizações sociais se uniram em uma marcha que mobilizou entre 200 e 250 mil pessoas, quando, então, decidiram ocupar o Canal 9 – uma rede de comunicação estatal mexicana.

As companheiras disseram “saíam ou tiraremos todos” e assim foi feito. Logo após, alguns trabalhadores do Canal 9 simpatizaram com o movimento, oferecendo assessoria na parte técnica, pois existia a necessidade de informar as pessoas o momento em que se convocariam as próximas marchas.

A experiência ficou marcada na vida dos oaxaqueños. Aprendemos que, com força e organização, podemos expropriar serviços para o nosso benefício. Logo após, entre os meses de agosto e setembro, ocorreu também a ocupação de outras duas estações de rádio FM, as quais se mantiveram em nossas mãos até dezembro de 2006.

Qual foi o papel dos meios de comunicação tradicionais em relação ao que aconteceu em Oaxaca?

Jiménez Dominguez - Praticamente não se falou a respeito, houve muito hermetismo. Pronunciar algo sobre Oaxaca era oferecer relevância à oposição em um momento político eleitoral.

Creio que até para a morte de Brad Will⁵, jornalista estadunidense do meio independente *Indymedia*, morto em 27 de outubro de 2006, enquanto filmava uma mobilização na cidade, foi aberto pouco espaço para que outros meios se colocassem.

Mas a repressão se faz efetiva e contínua contra os veículos de comunicação alternativa. Um exemplo é que freqüentemente somos bloqueados. Estamos lutando por cinco freqüências. Se nos autorizam é necessário legalizar os outros também e este é o temor do governo, pois a população não deve obter informação.

Em todo caso, nós temos cumprido com os requisitos, apresentamos toda a documentação legal e necessária. Estamos empenhados em construir um veículo de comunicação a favor da autonomia dos povos mexicanos, no fortalecimento de sua luta e na garantia de sua continuidade. O princípio da Rádio Plantón é falar a verdade e sustentar o que é dito.

⁵ Brad Will tinha 36 anos, era fotógrafo e documentarista para o Centro de Mídia Independente - CMI, também chamado de Indymedia, uma iniciativa que ocorreu no em 1999 para coordenar uma cobertura jornalística alternativa dos [protestos ocorridos em Seattle](#), contra o encontro da [Organização Mundial do Comércio](#) (OMC).